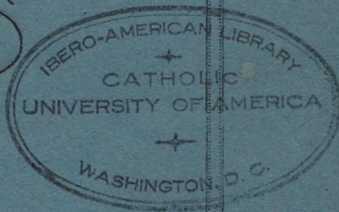


43
Pamphlet
19thCent
289

VERDADEIRAS SCENAS POLITICAS

—
DRAMA EM DOUS ACTOS

DEDICADO AOS OPERARIOS EXPULSOS DOS ARSENAES



BAHIA

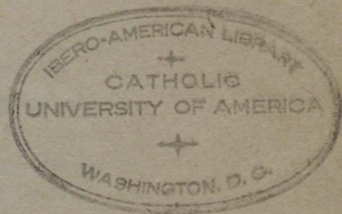
—
TYPOGRAPHIA DO «ALABAMA»

1879.

VERDADEIRAS SCENAS POLITICAS

DRAMA EM DOUS ACTOS

DEDICADO AOS OPERARIOS EXPULSOS DOS ARSENAES



BAHIA

—
TYPOGRAPHIA DO «ALABAMA»

1879.

preenchestes a sua falta com um irmão, ao qual tudo devo!...

Scena segunda

ARTHUR

(*Entrando*). Bravo! Estás orando, Etelvina?

ETELVINA

(*Levantando-se*). Oh! és tu, meu bom Arthur?

ARTHUR

Sim, sou eu mesmo, é teu irmão que chega do trabalho, e vem velar sobre o carinhoso e honroso legado que lhe deixaram seus paes, e que contemplava-te ajoelhada orando ao Ser Supremo!

Deus te proteja, minha irman.

ETELVINA

Acabava de pedir a protecção d'Elle para ti, por que protegendo-te Elle, tem protegido-me. Eu sou feliz Arthur, agradeço a Deus a graça que me ha feito, conservando-te a vida para amparo de minha vida e defeza de minha honra! Cê! quantas venturas prodigalisaste-me, meu Creador. Eu vos agradeço.

ARTHUR

Sinto passos na escada. Retira-te, Etelvina!

E TELVINA

(*Sahindo da sala*). Sim, meu irmão, vou mandar bôtar o jantar.

Scena terceira

ALFREDO

(*Entrando*). Boa tarde, Arthur!...

ARTHUR

Oh! E's tu, Alfredo?

ALFREDO

Sou eu mesmo que venho ver-te e trazer-te lisongeiras novas.

(*Ouve-se rumor na rua, vivas e acclamações. Arthur applicando o ouvido*).

ARTHUR

Que é isso, Alfredo?

ALFREDO

Pois ainda não sabes?

ARTHUR

Pergunto, porque ignoro o que querem dizer esses vivas.

ALFREDO

É o partido liberal que acaba de assumir o poder; e o povo cansado de supportar o ferrenho jugo da politica que acaba de deixal-o, applaude em seu justo enthusiasmo aos homêns das sans e puras erenças livres!

ARTHUR

Então o partido liberal assumiu o poder?

ALFREDO

Admira que um factó, que já se acha no dominio de todos, tu não saibas!

Tu que, como eu, te expozeste as iras da decahida situação; tu que tens trabalhado com afinco pelas idéas que hoje dirigem o paiz, ignoras que o partido a que pertences, por legado de teu pae, tenha assumido a direcção do estado!

ARTHUR

Meu pae! Fallas em meu pae!...

Oh! Alfredo, vieste-me fazer chegar as lagrimas aos olhos.

Meu pae! meu bom e querido pae!

Sim, foi elle sempre liberal, militou sempre nestas fileiras, foi um soldado firme no seu posto, que soube encerrar os perigos e soffrer com denodo e honra as perseguições dos tyrannos da situação hoje decahida.

No momento em que seu espirito tinha de largar ama-

teria, lembra-me como se fosse hoje, chamou-me elle e disse:—Arthur, meu filho, aproxima-se a minha derradeira hora, nada tenho a legar-te sinão um nome sem mancha.

Ahi fica tua irman, vela por ella, porque antes de mim já tua bôa e santa mãe vôou para o mundo da verdade, para onde vou eu tambem agora partir. Adeus, meu filho! Vela pela vida e honra de tua irman.

Adeus, Etelvina!

Dizendo estas palavras, meu pae morreu!

Scena quarta

ARISTOTELES

(*Entrando*). E foi viver na mansão dos justos.

ARTHUR

Oh! Por aqui, Aristoteles! Honra-me muito a tua presença nesta casa.

ARISTOTELES

Vim visitar-te, e dar-te os parabens pela ascensão do partido liberal ao poder.

ARTHUR

Retribuo-te com eguaes parabens.

ARISTOTELES

A mim? Estás cassuando!...

Relativamente a politica, meu amigo, sou um verdadeiro sceptico. Não creio em homem politico ! Quer conservador, quer liberal, ou mesmo republicano, não passam de uns pelotiqueiros, pescadores de aguas turvas, que só querem encher a pansa; e quanto aos interesses da patria, ao bem estar do povo, pouco se lhes dá com isso.

ALFREDO

(*Dirigindo-se a Aristoteles*). Isto é uma injustiça, que o Sr. faz ao partido a que tenho a honra de pertencer.

ARISTOTELES

Estavas ahí, Alfredo ? Não te tinha visto. Em primeiro lugar desejo saber de tua saude e da Exma. familia, para responder-te ao aparte.

ALFREDO

Vamos como Deus quer e é servido.

ARISTOTELES

Pois agora lá vae uma bomba ardente de fazer-te rabiar.

Tens trabalhado muito em eleições, mas somente para azeres subir os pelotiqueiros politicos, porque ainda até hoje não passaste, nem passarás de um simples operario do arsenal de marinha.

ALFREDO

Honra-me muito isso.

ARISTOTELES

Não é lá muito louvavel o gosto de ver-se os outros subirem, e estar só a gente a servir de patamar de escada para elles pôrem o pé!

ALFREDO

Mas, eu me deixo levar pela idéa, e desprezo a posição.

ARISTOTELES

Manda comprar carne e farinha com a idéa, para ver se t'a mandam.

ALFREDO

Quando trata-se de um partido justiceiro e ordeiro, como é o liberal, que acaba de assumir o poder, tendo a sua frente um eminente estadista como o Sr. Sinimbú, não é admissivel o gracejo.

ARISTOTELES

Não tratei de individualidades, mas já que trouxeste o nome do presidente do actual conselho de ministros, has de permittir que diga-te, que como homem o respeito e considero-o; porém como politico não passa para mim de um soldado desertor das fileiras conservadoras!....

Acho bom terminarmos com isso, pois, como escriptor publico que sou, conheço bem os transfugas.

ARTHUR

Que é isso, Aristoteles? Vocês amigos como são, querem brigar por causa de politica?

ARISTOTELES

Não é politica que me fará brigar com os amigos, deixo que cada um reconheça a errada estrada que trilha.

ALFREDO

(Dirigindo-se á Arthur). Vamos complimentar o presidente do actual gabinete.

Scena quinta

ETELVINA

(Entrando). O jantar está na meza.

ARISTOTELES

(Comsigo). Etelvina! Meu Deus, que paixão sinto por esta mulher, como ella me encanta e mata!

ETELVINA

(Comsigo). Ou este homem ha de vir a ser minha felicidade ou o diabo tenta-me, fazendo-me sentir o quer que seja por elle.

Como eu o amo! Si elle soubesse, estaria aqui junta a mim a todo instante.

ARTHUR

Então, Eteelvina, não cumprimentas aos amigos que aqui se acham?

ETELVINA

Sr. Alfredo... Sr. Aristoteles!

ARISTOTELES E ALFREDO

Minha Senhora!....

ARTHUR

Vamos jantar, meus amigos.

ALFREDO

Em primeiro logar vamos cumprimentar o chefe do gabinete.

ARISTOTELES

E' mais prudente cumprimentarem primeiro a barriga. E' a verdadeira theoria politica.

ARTHUR

Pois, meu charo Aristoteles, seja feita a vontade de Al-

fredo, vou primeiro cumprimentar ao chefe do gabinete liberal, que tão gloriosamente assumiu o poder.

ARISTOTELES

E eu vou tratando de fazer-me de vela para a minha casa, afim de escrever o artigo de fundo da *Republica* de amanha.

ALFREDO

Que tal o sceptico!

ARTHUR

Já começa a demonstrar que tem crenças.

ARISTOTELES

Tenho crenças, é verdade; mas é na donzella que prende o meu coração, no anjo do meu idéal! E' nella que vejo todas as venturas, todas as felicidades que o Altissimo pode-me prodigalisar.

ALFREDO

Bravo!... Estás apaixonado.

ARTHUR

E' o anjo de tuas imaginações que obriga-te a dizer tão mal da politica que hoje assumiu o poder.

ARISTOTELES

Arthur, és meu amigo; e para que fazes-me esta injustiça! Não trato da politica que acaba de subir, nem tão pouco da decahida, e sim dos politicos em geral, pois não vejo em nenhum delles firmeza de character; distingo os homens, despresando a politica a que elles possam pertencer.

ALFREDO

Arthur, pelo que vejo hoje não comprimentamos o ministro.

ARTHUR

Já, meu amigo. Aristoteles, fica ahi fazendo companhia a minha irman, que eu já volto. Olha que deixo debaixo de tua guarda o sagrado penhor que legaram-me meus paes.

ALFREDO

Adeus, Sr. republicano.

ARISTOTELES

Honrar-me-hia muito si os homens comprehendessem esta verdadeira politica do governo do povo pelo povo, e soubessem ser fieis as idéas sacrosantas emanadas do Creador — *Igualdade e fraternidade!*.....

Sim.....

Foi enviada dos ceus,
A palavra LIBERDADE,

E na terra ella cahiu
Dos labios da Divindade.

Mas como a venalidade
A tudo tem corrompido,
Julga-se ser liberdade
Trazer-se o povo opprimido.

Porém, no dia em que elle
Seus direitos conhecer,
Ai de seus féros tyrannos,
Que a seus pés virão morrer!....

ARTHUR E ALFREDO

Bravo! bonito! Idéas exaltadas! Muito bem, muito bem.

E TELVINA

Tambem faz versos, Sr. Aristoteles?

ARISTOTELES

Algumas vezes, minha senhora, apparecem-me inspira-
ções poeticas, quando meu espirito se eleva nas verda-
deiras crenças

ARTHUR

(*Sahindo*) Até já, Aristoteles.

ALFREDO

(Retirando-se). Au revoir!

Scena sexta

ETELVINA E ARISTOTELES

ETELVINA

(Comsigo.) Foram-se! Meu Deus, como amo a este homem, e agora que me acho a sós com elle não tenho uma palavra com que lhe faça sentir o amoroso fogo que elabora em meu coração.

Desejo dirigir-lhe uma palavra de amor, mas o pudor de donzella m'o prohihe.

ARISTOTELES

Então, minha senhora, amá muito a seu irmão?

ETELVINA

E' verdade! Amo-o como a um pae, porque tem sido elle o meu unico amparo no mundo!

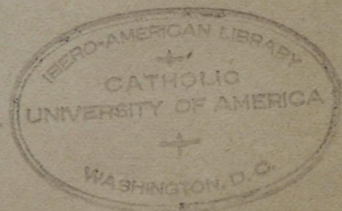
ARISTOTELES

E' um bello moço seu irmão!

Mas, coitado, tem se arruinado completamente com as malditas cabalas eleitoraes.

Outro dia disse-me elle:

«Aristoteles, sinto-me bastante sacrificado! A politica tem



me feito cavar até a ruina de minha irman, de quem sou o unico amparo no mundo. Neste ultimo pleito eleitoral, não obstante a ameaça do governo conservador de ser demittido do emprego, triumphei na eleição, é verdade, mas gastei quatro contos de réis que tomei-os emprestados a juros de 10 % ao anno.

Acho-me atrazado em mais de um anno, nos alugueis da casa em que moro. Estou vendo o dia em que soffro uma desfeita dos meus credores.»

ETELVINA

Deixe elle vir p'ra cá que hei de ralhar com elle.

No entanto que todas estas circumstancias elle occulta de mim, que sou sua irman!

Oh! meu Deus! Eu que me julgava tão feliz junto a meu irmão! Caia a maldição dos ceus sobre semelhante politica que só serve para trazer o desasocego ao lar da familia e ao coração da donzella. *(Chora.)*

ARISTOTELES

Perdão; Etelvina, fui indiscreto *(pegando-lhe na mão e beijando,)* fui leviano em communicar-lhe semelhante segredo que m'o revelou seu irmão, o que veio trazer-lhe o desasocego ao espirito; perdão!.....

Peço-lhe que não ralhe com elle!

Todos os atrazos de sua vida hão de agora desapparecer com a ascensão do partido liberal! Batalhador incansavel por esta idéa, como foi elle sempre, ha de ser agora remunerado dos seus serviços, de sorte a extinguir-se todos os seus compromissos!

E TELVINA

Crê nisso?

ARISTOTELES

E' de suppor. Não tratemos mais d'isso; vamos fallar de cousa que nos possa interessar mais.

E TELVINA

E que cousa me poderá interessar mais, (*limpando os olhos*) do que o bem estar de meu irmão?

ARISTOTELES

Tem razão! Deixemos isto de parte, foi uma pequena nuvem negra, que se formou no horisonté, ameaçando grande tempêstade, mas que desapareceu! O partido liberal está no poder para salvá-o de todas as calamidades!.....

Ao passo que no coração de seu irmão arde um fogo activo de um verdadeiro politico, de um politico de antes quebrar què torçer, no meu sinto devorar as chammás ardentes do amor!

E TELVINA

(*Estremecendo.*) E o seu amor é correspondido pelo ente amado?

ARISTOTELES

— Por mais què tenha procurado um meio para fazel-o comprehendêr, faltam-me as forças para isso!...

Desapparecem-me as palavras, foge-se-me o pensamento....

ETELVINA

Estou nas mesmas condições, Sr. Aristoteles! Eu tambem amo; mas como mulher, não tenho uma palavra, um pensamento com que possa fazer comprehender ao ente amado o fogo, que por elle elabora em meu coração!

ARISTOTELES

(*Empallidecendo.*) E quem é este ente, minha senhora?

ETELVINA

Oh! é muita curiosidade de sua parte querer penetrar no segredo do coração de uma donzella! Não lhe exigi tanto.

ARISTOTELES

Oh!... Por piedade, minha senhora, diga-me o nome deste rival!

ETELVINA

(*Rindo-se.*) Cá... cá... cá... cá... Então sou eu o ente, que o Sr. ama? Pois olhe eu não o amo!

ARISTOTELES

(*Indignado.*) Zomba de mim! Escute, minha senhora:— Amo-lhe como a pomba ao bosque, como as estrellas ao

firmamento, como o passaro ao ninho, como o jardim as flôres!... A senhora dispõe da felicidade de minha vida, como o leme da sorte do navio!...

E TELVINA

Veja como são as cousas, o meu coração não sente a seu respeito a menor palpação de amor!

(*Comsigo.*) Ah! si elle soubesse.

ARISTOTELES

Oh! desgraçado que sou eu!

E TELVINA

Pois chama o Sr. desgraça em eu não podel-o amar?

O meu coração inclina-se para um outro mais joven, mais encantador, mais seductor ainda que o Sr. -

ARISTOTELES

Ah! Si eu soubesse o nome deste miseravel; si eu o conhecesse, bater-me-hia com elle, o ladrão dos meus sonhos de venturas!

E TELVINA

Quer conhecel-o? Pois o seu nome é—*Aristoteles!*... Bata-se com elle, mate-o, andel!...

ARISTOTELES
(Baixinho.) Silencio! Sinto passos na escadaria.

ETELVINA

E' Arthur que chega.

ARISTOTELES

Promette, minha senhora, não dizer uma palavra a elle do que relativamente tive a leviandade de contar-lhe?

ETELVINA

Hoje que os nossos corações declararam-se namorados, não prometto, juro-lhe.

ARISTOTELES

Obrigado, minha senhora, obrigado!...

Scena setima

ARTHUR

(Entrando.) Oh! como é bello estar-se no palacio de um ministro, principalmente se é elle o presidente do conselho! Que ar bello e embriagativo respira a gente!...

Tudo alli cheira a governo; desde os creados até o ministro.

ARISTOTELES

Ao contrario, como que respira-se melhor quando se está em casa de um empregado publico, probo e honrado, principalmente se elle vae felicitar algum novo ministro, e tem a gente de ficar fazendo companhia a um anjo, como é tua irman!...

Alli aprecia-se os dourados coxins, os ricos cortinados de crochet, o estufado das cadeiras, o trajar e arrogancia desde os creados até o amo, em resumo o poder e a prepotencia.

Aqui, goza-se de um ar mais puro e tranquillo, aprecia-se a candidez da donzella, a maviosidade de suas palayras, a simplicidade no seu trajar, em summa, aqui é o paraíso agasalhando a pureza e castidade da virgem, alli é o inferno, d'onde sahem todas as perseguições da humanidade.

E TELVINA

(*Aparte.*) O que irá elle dizer a meu irmão?

(*Com força.*) Como está hoje inspirado, Sr. Aristoteles! Está um perfeito romancista.

ARTHUR

Não sei a razão de votares tanto odio aos partidos politicos do paiz e com especialidade ao liberal!

ARISTOTELES

Não é porque nenhum delles me tenha feito mal, pois ao

contrario, a ascensão do partido liberal trouxe-me a felicidade!

ALFREDO

Não te comprehendo! Explica-te?

EDELVINA

(*Comsigo.*) Si elle aproveita o ensejo e me pede logo em casamento a meu irmão, será para mim a maior das venturas.

(*Alto.*) Sim é bom fazer-se comprehendido de Arthur, Sr. Aristoteles.

ARISTOTELES

Ainda é cedo, minha senhora.

Mudemos de conversa. Que é de Alfredo?

ARTHUR

Embriagado dos perfumes ministeriaes, entendeu de não vir jantar commigo, e foi jantar com a sua chara metade.

ARISTOTELES

Bem, agora que já chegaste em casa, ahi tens o sagrado penhor que deixaste sob minha guarda, legado que fizeram-te teus paes, do qual fiquei depositario durante a tua estada em casa do presidente do conselho de ministro. Adeus, Arthur.

EDELVINA

Não quer jantar comnosco, Sr. Aristoteles?

ARISTOTELES

Muito obrigado, minha senhora, aproxima-se a noite e eu vou remando para casa.

(Apertando-lhe a mão.) Adeus! adeus! *(Sahe.)*

ARTHUR

(Pensando.) Não tem duvida, Aristoteles está soffrendo das faculdades intellectuaes.

Coitado!....

CAHE O PANNIO.

ACTO SEGUNDO

O MESMO SCENARIO DO PRIMEIRO ACTO

Scena primeira

(Ao levantar o panno Arthur está sentado junto á uma meza, tendo na mão um «Jornal do Commercio.» E' dia.)

ARTHUR

Sim!.... Sou bem castigado, meu Deus!....

(Lendo.) «Por decreto de hontem, do ministerio da fazenda, foi demittido do logar que exercia na alfandega desta côrte, a bem do serviço publico, o Sr. Arthur Liberal da Cunha Brazil.»

(Reflexionando.) Demittido a bem do serviço publico!

E' como recompensa-me o meu partido os serviços que

lhe prestei no renhido pleito eleitoral, quando dominava o partido conservador o paiz, que, apesar de dizerem os *liberaes* que é um partido de despotas, e eu me ter apresentado sempre, não obstante ser empregado publico, pleiteando eleições contra o governo, não se achou com forças bastante para demittir-me, e no entanto que com a politica *liberal*, para a qual tanto tenho trabalhado, fui demittido!

Oh! como estava enganado!

Que ha de ser de mim, meu Deus!....

Qual será o futuro de minha pobre irman, desde que hoje estou reduzido a não ter com que dar-lhe o pão!

Oh! meu Creador, porque não mandaes a morte dar allivio a tantos soffrimentos!

Teve rasão Aristoteles, e eu o chamei de maluco!...

Scena segunda

ETELVINA

(*Entrando na sala.*) Que é isso, Arthur? Que quer dizer essa melancolia? Fallando só!

Queres morrer porque teu partido tirou-te o emprego?

Ora deixa-te d'isso, anda, vem almoçar! Deus é grande e misericordioso, meu irmão, não desampara a ninguem!...

ARTHUR

Etelvina, és um anjo! Sabe de diante do desastrado de teu irmão, que se deixando levar pelo canto de meia duzia de pescadores de aguas turvas, que, qual gralha enfronhada

nas pennas do pavão, servem-se da santa palavra da liberdade, para perseguirem a humanidade!...

Hoje mesmo serei lançado fóra desta casa por me achar atrazado em seus alugueis; meus trastes serão levados a praça publica, e obrigarei a Aristoteles a pagar uma letra que abonou-me, dinheiro que tomei para gastar nas ultimas eleições que pleteei!...

Scena terceira

LEONOR

(Entrando apressadamente, chorando e se lançando aos pés de Arthur.) Sr. Arthur, valha-me por quem é! Soccorra a uma pobre viuva e cinco filhos orphãos que lá ficaram em casa sem ter pão para comer!.....

ETELVINA

Viuva, a senhora! Viuva!...

Oh! meu Deus, pobre Alfredo!

ARTHUR

(Levãntando-se.) Explique-se, minha senhora, não a comprehendendo! Alfredo é morto?

LEONOR

(Erquendo-se a custo.) Eu me explico, Sr Arthur.

Essa gente liberal, que meu marido acompanhava e dizia que era muito boa gente, á titulo de *economias* para as suas

algibeiras, mandou deitar para fóra do arsenal de marinha os artistas que allí trabalhavam e, no numero delles, permittiu o infortunio ser incluído meu marido.

Vendo-se elle exausto de recursos, a ponto de não ter com que manter sua familia, lançou-se ao mar, sendo seu cadaver encontrado duas horas depois junto a caldeira do arsenal.

Oh! valha-me, Sr. Arthur.

Minha senhora, (*dirigindo-se para Etevína*) peça a seu irmão que tenha compaixão da pobre e desgraçada viuva de um artista, que morreu victima das idéas, ás quaes é elle tambem adheso.

ARTHUR

Minha senhora, eu tambem sou victima dos representantes dessas idéas!...

Acabo de ser enchetado como um cão de dentro da repartição d'alfandega, sou tambem um desgraçado digno de commiseração. Hoje mesmo devo ser lançado fóra desta casa em que moro, por me achar atrasado nos seus alugueis.

As lagrimas, como definiu José de Alencar, é o balsamo que Deus deu a fraqueza da mulher e negou a do homem; mas eu tambem choro. (*Chora.*)

Todos os meus amigos abandonaram-me, logo que viram-me arruinado! Até Aristoteles!

Em que lhe posso eu, pois, valer-lhe, minha senhora, quando parece-me que em breve minha irman chorará como V. Ex. hoje sobre o cadaver, não do esposo, mas do irmão!

Meu Deus, tire de minha imaginação o phantasma horrivel do suicidio!

Salvae-me, Virgem Senhora da Piedade, tende compaixão deste desventurado!

E TELVINA

Que idéas são estas, Arthur!

Louco, que não pensas que tens uma irman orphan, e que o unico amparo que tem no mundo, és tu, meu irmão!

(Ajoelhando-se).

Oh! Virgem Mãe Santissima,

Senhora da Piedade,

Tende dó da pobre orphan,

Mãe de um Deus de bondade!...

Lança sobre quem te implora

Um olhar de compaixão,

Protegei a um infeliz,

Salvae-o desta afflicção.

(Levantando-se). O Diabo não conseguirá a sua obra! Deus te salvará, Arthur, porque elle protegê os bons.

ARTHUR

E Aristoteles que me não apparecê! Virá talvez mais tarde exigir de mim o pagamento da lettra, que abonou-me, para as maldictas eleições que pleiteei!...

E TELVINA

E's injusto, Arthur! Sabia que tinhas tirado dinheiro em

um estabelecimento bancario para gastares em eleições, e que te achavas complicado nos alugueis desta casa; e a pessoa, que me contou, pediu-me segredo, e eu jurei guardal-o. Essa pessoa lamentava aliás tua sorte.

ARTHUR

Sabias! Foi Aristoteles quem te contou, foi elle quando aqui ficou, no dia da ascensão do partido liberal, que te disse por vaidade, que tinha servido de meu fiador!

Miseravel! contar-te aquillo que eu sempre t'o occultei!...

EDELVINA

Por piedade, Arthur, não digas assim tão mal de Aristoteles.

ARTHUR

Parece que batem na porta.

EDELVINA

Ha de ser provavelmente Aristoteles, que eu o mandei chamar esta manhan, dizendo que tu querias fallar-lhe.

ARTHUR

Fizeste mal. Elle que venha, que ha de ouvir agora duras verdades!.....

EDELVINA

Nada dirás!... Pode entrar quem é.

Scena quarta

CHRISPIM

(*Entrando*). Dá licença! Não escondam os moveis!

ARTHUR

Quem é o senhor?

CHRISPIM

Um criado de V. S., Chrispim do Rosario de Maria, antigo, provector e decano official de justiça.

ETELVINA

Meu Deus!... Um meirinho. (*Desmaia, amparando-a Leonor nos braços.*)

ARTHUR

Sahe d'aqui imagem diabolica!... sahe maldito!...

CHRISPIM

Maldita é a lei, e é em nome d'ella que lhe venho dizer que entregue seus trastes a penhora para pagamento dos alugueis desta casa, em que o senhor mora e não tem pago.

LEONOR

Que scena contristadora vim eu aqui encontrar!

Alfredo privou-se da vida para não passar por esses dis-
sabores!... Infeliz!...

CHRISPIM

ARTHUR

Sr. Chrispim do Rosario de Maria, vae ser cumprido o
mandado de penhora que o senhor traz ahi.

(Tira do bolso um reuoluer).

LEONOR

CHRISPIM

Meu Deus! Acudam.... acudam ao Sr. Arthur que quer
matar-se!

CHRISPIM

ARISTOTELES

(Vendo a arma). Safa! Antes que este caloteiro queira por
meio de uma bala penhorar-me a vida, faço-me de véla.
*(Vae sahir e encontra-se com Aristoteles, que, na precipita-
ção, em que vem entrando, o joga de novo em scena, com uma
encontroadella que lhe dá, fazendo-o cahir de costa).*

Scena quinta

ARISTOTELES

*(Entrando em scena, e correndo, apodera-se do reuoluer
na occasião em que Arthur vae desfechal-o sobre sua propria
cabeça).* Cheguei ainda a tempo de salvar-te a vida, louco!
Querer suicidar-se e porquê?

Fraço de espirito, descrente da misericordio Divina, que
não desampara a ninguem!...

E TELVINA

(*Tornando a si.*) Está ahí, Sr. Aristoteles?

ARISTOTELES

E' verdade, minha senhora, cheguei a tempo de salvar seu irmão do acto de loucura que queria praticar.

E TELVINA

Oh! meu Deus!... Quanto sois misericordioso!

CHRISPIM

(*Levantando-se*). O maldicto quebrou-me a espinhela!
Ai.... Jesus! muito soffre quem é meirinho.

ARISTOTELES

(*Apontando para Chrispim*). Quem é aquelle caricato?

E TELVINA

E' o Sr. Chrispim do Rosario de Maria, que veio penhorar a mobilia de Arthur para pagamento dos alugueis desta casa.

ARISTOTELES

Pois, Sr. Chrispim, pode retirar-se, que Arthur Liberal da Cunha Brasil nada mais deve.

Aqui estão os titulos de suas dividas, as quaes acabam agora mesmo de ser pagas.

CHRISPIM

(*Sahindo*). Ai... ui!... que dôr sinto no dorso! Desculpem-me vossas senhorias, que se os incommodei foi em nome da lei.

Scena sexta

E TELVINA

Então que te disse eu, Arthur?...

ARTHUR

E' verdade, fui injusto para contigo, Aristoteles!

ARISTOTELES

E que importa a injustiça que fizeste de meu character como amigo, na minha ausencia, se para advogar minha causa tenho aquelle anjo (*apontando Etelevina*)?

Não me conheces, Arthur, dentro deste peito pulsa um coração bahiano.

E TELVINA

O Sr. é bahiano?

ARISTOTELES

Sou, minha senhora, do que me orgulho bastante!

Admira que o seja, porque nunca lh'o disse, não é assim?

ETELVINA
E' exacto.

ARISTOTELES

Em 18... no dia 1.º de março, dirigia os destinos d'aquella denodada e hospitaleira provincia, o chefe do actual gabinete de ministros, e os monopolistas faziam subir á altos preços os generos alimenticios!

O povo, em seu justo direito, foi a praça de Palacio, reclamar do governo providencias no sentido de melhorar aquelle estado de cousas; em resumo, o povo queria pão!

E sabe quaes foram as providencias que deu o governo?

Mandou a cavallaria levar o povo a espada e pata de cavallos, e, não satisfeito com isto, no outro dia mandou proceder a um rigoroso recrutamento, pegando-se a *torto e a direito*. Eu fui um dos recrutados e remettido para a còrte, onde me acho.

Envergonhado, nunca mais quiz voltar á minha provincia, e dediquei-me aqui a vida da imprensa, espelho onde reflecte-se bem a cara desses pescadores de aguas turvas que se denominam—*políticos!*

ETELVINA

Pobre Aristoteles! tão bem já provou os effeitos do *can-*
sanção.

ARISTOTELES

Arthur, deixando de parte todas essas idéas contristado-

ras, e tendo a Providencia concedido-me a graça de salvar-te, peço-te que consintas em minha união conjugal com tua chara e idolatrada irman!

ARTHUR

De muito bom grado, desde que ella queira dar-te o *sim*.

ARISTOTELES

(Para Etelvina.) Sim ou não, minha senhora?

ETELVINA

Para o salvador de meu irmão, se um *sim* não for bastante, darei um milhão!

ARTHUR

Obrigado, minha irman!
Aristoteles é digno de teu amor.

ARISTOTELES

Pois bem, Etelvina, d'aqui a oito dias, perante o altar, mudar-lhe-hei o nome de donzella no de esposa.

E tu Leonor, que o pranto e o lucto penetraram em teu lar, vae recolher em casa o cadaver de teu marido, que eu antes de aqui chegar já havia dado as minhas ordens para que seja elle sepultado, não com luxo, mas com decencia.

Teus filhos os tomarei debaixo de minha protecção!

Vae infeliz mulher, e ajoelha-te diante do cadaver do ho-

mem do trabalho, e, com os olhos fitos no rosto do artista, que teve por *barco* a probidade e por *bussola* a honra, pede a Deus, tendo como exemplo o Martyr do Golgotha, o perdão de seus algozes, porque elles não sabem o que fazem!

ETELVINA

Quanto sois philantropico e humanitario, Sr. Aristoteles.

Arthur, agora que Deus nos permittiu tantas graças, peço-te que desprezes as idéas liberaes!

Feliz d'aquelle que á tempo pode emendar-se e dar aos seus actos o cunho do merecimento.

Eu sei que em teu espirito presidem as bôas idéas.

Já vistes o que foi o liberalismo para ti; e uma vez que estás convencido que a tua honra e credits perigavam com semelhante politica, peço-te, e por dever teu, abjurares os principios d'essa eschola.

Segue a politica de tua irman, que é conservadora não só de sua honra como dos sentimentos moraes.

Vivam os conservadores!

LEONOR

Si os conservadores estivessem no poder, meu marido não teria suicidado-se.

ARISTOTELES

Nem Arthur tentado contra sua propria existencia.

ETELVINA

Então, Sr. Aristoteles, meu futuro esposo, nós que vamos

e r conservadores do amor e da paz conjugal, devemos bradar—*Viva o partido conservador!*

ARISTOTELES

Tendo em mente o grande estadista, visconde do Rio Branco, que apesar de suas idéas conservadoras, soube despedaçar com a lei de 28 de setembro, os grilhões do captivo que prendiam os pulsos, no Brazil, dos infelizes filhos de mulher escrava, darei vivas aos conservadores amigos do paiz e denodados batalhadores da prosperidade de seus concidadãos; então direi com o distincto vate bahiano, João de Britto, meu comprovinciano:

Salve, ó grande estadista!.. A tua gloria
Há de mostrar-se no fulgor que encerra,
Quando um Pultarco te escrever a historia,
Rival de Pitt na americana terra.
Mais que na praça um monumento erguido,
Como que em pedra ou bronze renascido,
Monumento que o tempo allue, consome,
É ver o escravo, a luz de immensa idéa,
Mostrando aos ceus os braços sem cadeia,
Proferir-vos o nome.

ARTHUR

Sim, tambem eu, meu amigo, liberal por herança de meus paes, farei côro contigo, porque já não ha liberaes, ha especuladores, marômbistas e aventureiros, aos quaes eu voto todo meu odio e rancor.

Os tempos dos Tiradentes, dos Andradas e outros, passaram-se!

E TELVINA

Viva o partido conservador!

TODOS

Vival... vival... vival...

CAHE O PANNO

FIM



